



Saya Thetgyi (1873-1945)

O relato a seguir sobre o professor de Sayagyi U Ba Khin é em parte baseado em uma tradução do livro “Saya Thetgyi” de Dhammacariya U Htay Hlaing, de Mianmar.

Saya Thetgyi (que se pronuncia Sai-a Ta-dji em birmanês) nasceu em 27 de junho de 1873, na aldeia agrícola de Pyawbwegyi a oito milhas ao sul de Rangún, do outro lado do rio Rangún. Recebeu o nome Maung Po Thet. Seu pai morreu quando Po Thet tinha cerca de 10 anos, deixando sua mãe sozinha para cuidar de quatro crianças: ele, seus dois irmãos e uma irmã.

Ela sustentou a família vendendo bolinhos de legumes fritos na aldeia. O menino foi orientado para circular e vender os bolinhos que sobravam, mas ele sempre voltava para casa sem nada vender por ser muito acanhado para apregoar suas mercadorias. Sua mãe, então, resolveu despachar dois filhos: Po Thet para carregar os bolinhos numa bandeja sobre a cabeça e sua irmã mais moça para anunciar os produtos.

Por ser preciso ajudar no sustento da família, sua educação formal foi mínima – apenas seis anos. Seus pais não possuíam nenhuma terra ou campo de arroz e, por esse motivo, costumavam colher nos campos dos outros os talos de arroz que sobravam após a colheita. Um dia, ao voltar dos campos para casa, Po Thet encontrou alguns peixinhos em um pequeno lago que estava a secar. Ele os pegou e levou para casa para soltá-los no lago da aldeia. Sua mãe viu os peixinhos e já estava pronta para castigá-lo por pegá-los, mas quando ele explicou quais eram as suas intenções, ela exclamou: “Sadhu, sadhu (bem dito, bem feito).” Ela era uma mulher de bom coração que jamais ralhava ou repreendia, mas não tolerava quaisquer atos *akusala* (imorais).

Aos 14 anos de idade, Maung Po Thet começou a trabalhar dirigindo um carro de boi que transportava arroz, dando seus pagamentos diários para sua mãe. Ele era tão pequenino na época que precisava levar um caixote para poder subir e descer da carroça.

O emprego seguinte de Po Thet foi de remador de uma sampana¹. A aldeia de Pyawbwegyi está localizada numa planície de plantio, alimentada por numerosos rios tributários que correm para o

¹ *N.doT.* Pequena embarcação asiática de fundo chato, movida a remos laterais ou ginga, que tem no centro uma cobertura de bambu trançado onde se abrigam os passageiros e/ou mercadorias.

rio Rangún. Quando os campos de arroz estão inundados a navegação se torna um problema e um dos meios mais comuns de viagem são estes barcos compridos e de fundo chato.

O dono de um moinho de arroz local observou o menino que trabalhava tão diligentemente carregando cargas de arroz que decidiu contratá-lo como apontador do moinho por um salário de seis rúpias mensais. Po Thet passou a viver sozinho no moinho e comia refeições simples de bolinhos fritos de ervilhas com arroz.

No início ele comprava o arroz do vigia indiano e de outros trabalhadores. Eles lhe disseram que ele poderia se servir das grandes quantidades de arroz moído que eram reservadas para alimentar os porcos e as galinhas. Po Thet se recusou dizendo que não iria se servir do arroz sem o conhecimento do proprietário. O proprietário, no entanto, tomou conhecimento disso e deu-lhe a permissão. Aconteceu que Maung Po Thet não teve de se alimentar com os restos de arroz por muito tempo. Logo os donos do sampan e do carro de boi lhe deram arroz de boa qualidade por ele ser um trabalhador tão prestativo e cheio de boa vontade. Ainda assim, Po Thet continuou a recolher as sobras, doando-as para os aldeões pobres que não tinham meios para comprar arroz.

Depois de um ano seu salário aumentou para 10 rúpias, e depois de dois anos para 15. O dono do moinho lhe ofereceu dinheiro para que ele comprasse arroz de boa qualidade e lhe permitia moer de graça 100 cestos por mês. Seu salário aumentou para 25 rúpias, que sustentavam a ele e sua mãe muito bem.

Maung Po Thet casou-se com Ma Hmyin quando tinha cerca de 16 anos de idade, como era de costume. Sua mulher era a mais jovem das três filhas de um próspero dono de terra e negociante de arroz. O casal teve dois filhos, uma menina e um menino. Seguindo a tradição birmanesa viveram

junto com a família de Ma Hmnyin, constituída de seus pais e irmãs. Ma Yin, a irmã mais jovem, permaneceu solteira e administrou um pequeno negócio bem sucedido. Ela foi mais tarde de grande ajuda para U Po Thet na prática e no ensino de meditação.

A irmã mais velha de Ma Hmyin, Ma Khin, casou-se com Ko Kaye e teve um filho, Maung Nyunt. Ko Kaye administrou os campos de arroz e os negócios da família. Maung Po Thet, a partir de então chamando-se U Po Thet ou U Thet (sr. Thet) também prosperou com a compra e venda de arroz.

Quando criança U Thet não teve oportunidade de se ordenar monge noviço, o que é uma prática importante e comum na Birmânia. Somente quando seu sobrinho Maung Nyunt se tornou noviço aos 12 anos de idade é que o próprio U Thet se tornou noviço. Mais tarde, por certo tempo, também se ordenou como bikkhu (monge).

Quando estava com cerca de 23 anos aprendeu a meditação Ānāpāna com um professor leigo, Saya Nyunt, e continuou a prática por sete anos.

U Thet e sua mulher tinham muitos amigos e parentes que moravam nas proximidades da aldeia. Tendo inúmeros tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, primos e parentes por afinidade, levaram uma vida idílica de contentamento em meio ao calor e harmonia da família e dos amigos.

Esta paz e felicidade rústica foram destruídas quando uma epidemia de cólera atingiu a aldeia em 1903. Muitos aldeões morreram, alguns deles em poucos dias. Incluíram-se seu filho e sua filha adolescente que, diz-se, veio a morrer em seus braços. Seu cunhado, Ko Kaye, e sua mulher também faleceram da doença, assim como a sobrinha de U Thet que era companheira de jogos de sua filha.

U Thet foi profundamente afetado por essa calamidade, de tal modo que não houve lugar algum onde encontrasse conforto. Querendo desesperadamente encontrar uma maneira de escapar de sua infelicidade, pediu permissão a sua mulher e a sua cunhada, Ma Yin, e outros parentes, para deixar a aldeia em busca de uma “não-morte”.

Tendo por companhia em suas andanças um devotado companheiro e seguidor, U Nyo, U Thet vagou por toda a Birmânia numa busca fervorosa, visitando retiros nas montanhas e monastérios em florestas, estudando com diferentes professores, tanto monges quanto leigos. Finalmente ele resolveu seguir a sugestão de seu primeiro professor, Saya Nyunt, de dirigir-se para o norte em direção a Monywa para praticar com o Venerável Ledi Sayadaw.

Durante esses anos de busca espiritual, a mulher e cunhada de U Thet permaneceram em Pyawbwegyi e administraram os campos de arroz. Nos primeiros anos ele voltava ocasionalmente para ver se estava tudo bem. Verificando que a família prosperava, passou a se dedicar mais continuamente à meditação. Permaneceu com Ledi Sayadaw ao todo sete anos e, durante esse período, sua mulher e sua cunhada o sustentaram enviando todo ano o dinheiro da colheita da fazenda da família.

Com U Nyo, finalmente retornou a sua aldeia, mas não retomou a sua vida de chefe de família. Por ocasião de sua partida Ledi o havia aconselhado a trabalhar diligentemente a fim de desenvolver seu samadhi (concentração) e pañña (sabedoria purificadora), para que com o tempo pudesse começar a ensinar meditação. Desse modo, quando U Thet e U Nyo chegaram a Pyawbwegyi

foram diretamente para a sala² (salão de pousada) nos confins da fazenda da família, que começaram a usar como sala de meditação. Ali passaram a meditar sem cessar. Combinaram com uma mulher que morava ali perto para fornecer duas refeições por dia enquanto eles se mantinham em retiro.

U Thet perseverou desse modo durante um ano, conseguindo progredir rapidamente em sua meditação. No fim do período sentiu que precisava se aconselhar com seu professor e, embora não pudesse falar com Ledi Sayadaw pessoalmente, sabia que os livros de seu professor estavam em um guarda-louça em sua casa. Foi então lá para consultar os manuais.

Sua mulher e sua irmã enquanto isso tinham ficado zangadas com ele por não ter voltado para casa após uma ausência tão prolongada. Sua mulher até decidira divorciar-se dele. Quando as irmãs viram U Po Thet se aproximando, combinaram não saudá-lo nem dar-lhe as boas-vindas. Porém, logo que ele cruzou a porta, viram-se dando-lhe as boas-vindas com entusiasmo. Conversaram um pouco e U Thet pediu-lhes perdão que elas prontamente concederam.

Serviram-lhe chá e uma refeição e ele foi à procura de seus livros. Explicou à sua mulher que ele agora vivia observando oito preceitos e que não retomaria sua vida usual de chefe de família; de agora em diante viveriam como irmão e irmã.

Sua mulher e sua cunhada convidaram-no para vir em casa todos os dias para sua refeição matinal e, felizes, concordaram em prover seu sustento. Ele se mostrou extremamente agradecido e lhes disse que a única forma de retribuir sua generosidade era dar-lhes Dhamma.

² *N.T.* Do páli *sālā*, *f* - salão, sala de reuniões; vestibulo

Outros parentes, inclusive o primo de sua mulher, U Ba Soe, vieram vê-lo e conversar com ele. Após duas semanas U Thet disse que estava gastando muito tempo com as idas e vindas para almoçar, de modo que Ma Hmyin e Ma Yin se ofereceram para enviar a refeição de meio-dia à sala.

Interpretando de modo equivocado o zelo de U Thet, o povo de sua aldeia de início relutara em vir a ele para receber ensinamentos. Pensavam que talvez, devido ao pesar pelas suas perdas e sua ausência da aldeia, ele perdera o juízo. Mas pouco a pouco, a partir de suas falas e ações, se aperceberam que ele se tornara realmente outra pessoa, uma pessoa que estava vivendo de acordo com o Dhamma.

Logo alguns dos parentes e amigos de U Thet começaram a solicitar que ele os ensinasse meditação. U Ba Soe se ofereceu para tomar conta dos campos e dos assuntos da família, e a irmã e a sobrinha de U Thet assumiram o compromisso de preparar as refeições. Em 1914, quando tinha 41 anos de idade, U Thet começou a ensinar Anāpānā para um grupo de cerca de 15 pessoas. Todos os alunos permaneceram na sala, alguns deles indo para casa de tempos em tempos. Ele deu palestras para seus alunos de meditação, assim como para pessoas interessadas que não estavam praticando meditação. Seus ouvintes acharam seus pronunciamentos tão cultos que se recusavam a acreditar que U Thet tinha muito pouco conhecimento teórico do Dhamma.

Graças ao generoso apoio financeiro de sua mulher e sua cunhada e à ajuda de outros membros da família, toda a alimentação e outras necessidades eram fornecidas aos meditadores que vieram à Sala de Meditação de U Thet, até mesmo ao ponto de, em certa ocasião, subvencionar trabalhadores por suas perdas de salários enquanto faziam o curso de Vipāssana.

Por volta de 1915, depois de ensinar por um ano, U Thet levou sua mulher e sua cunhada e alguns poucos membros da família a Monywa para apresentar seus respeitos a Ledi Sayadaw que à época tinha 70 anos de idade. Quando U Thet contou a seu professor sobre suas experiências de meditação e dos cursos que vinha oferecendo, Ledi Sayadaw ficou muito contente.

Foi no decorrer dessa visita que Ledi Sayadaw deu a U Thet seu cajado, dizendo: “Aqui tem, meu grande pupilo, tome meu cajado e siga adiante. Guarde-o bem. Eu não o dou para que viva muito, mas como recompensa, de forma que não haja entraves em sua vida. Você foi muito bem sucedido. De hoje em diante você terá de ensinar o Dhamma de rupa e nama (mente e matéria) para 6.000 pessoas. O Dhamma que você conhece é inesgotável, portanto propague o sāsana (era dos ensinamentos do Buda). Renda homenagem ao sāsana em meu lugar.

No dia seguinte Ledi Sayadaw convocou todos os monges de seu monastério. Solicitou a U Thet que permanecesse por 10 ou 15 dias para instruí-los. Então o Sayadaw disse aos bikkhus reunidos: “Prestem atenção, todos vocês. Este homem leigo é meu grande pupilo U Po Thet, da baixa Birmânia. Ele é capaz de ensinar meditação como eu. Aqueles de vocês que quiserem praticar meditação, sigam-no. Aprendam a técnica com ele e pratiquem. Você, Dayaka Thet (um auxiliar leigo de um monge que se incumba de suprir suas necessidades como alimentação, vestimentas, medicação, etc.), hasteie a bandeira da vitória do Dhamma em meu lugar, a começar pelo meu monastério.”

U Thet então ensinou meditação Vipāssana a cerca de 25 monges que tinham muito conhecimento das escrituras. Foi nesta ocasião que ficou conhecido como Saya Thegtyi (“saya” significa professor; “gyi” é um sufixo que indica tratamento respeitoso).

Ledi Sayadaw estimulou Saya Thetgyi a ensinar o Dhamma em seu nome. Saya Thetgyi conhecia de cor muitos dos profícuos escritos de Ledi Sayadaw e era capaz de fazer exposições sobre o Dhamma com referências às escrituras de tal modo que a maioria dos Sayadaws (monges professores) mais eruditos não opunha quaisquer ressalvas. A exortação de Ledi Sayadaw para ele para que ensinasse Vipāssana em seu lugar era uma responsabilidade solene, mas Saya Thetgyi ficou apreensivo por conta de sua falta de conhecimento teórico. Curvando-se perante seu mestre com profundo respeito, ele disse:

“Dentre os seus pupilos eu sou o menos versado sobre as escrituras. Distribuir o sāsana ensinando Vipāssana conforme determinado por vós é um dever muito sutil, não obstante pesado, senhor. Por este motivo eu solicito que, se a qualquer tempo eu careça de pedir esclarecimento, vós me dareis auxílio e orientação. Peço-vos o vosso apoio e, suplico, me repreenda quando se faça necessário.”

Ledi Sayadaw reafirmou sua confiança ao retrucar, “Não irei desampará-lo sequer quando sobrevier meu falecimento.”

Saya Thetgyi e seus parentes retornaram para sua aldeia no sul da Birmânia e debateram com outros membros da família os planos para levar a termo a tarefa que lhe fora confiada por Ledi Sayadaw. Saya Thetgyi cogitou de viajar pela Birmânia pensando que, desse modo, teria mais contato com as pessoas. Mas sua cunhada disse “Você tem a sala de meditação aqui e nós podemos apoiar seu trabalho preparando os alimentos para os alunos. Por que não ficar e ministrar os cursos? Muitos serão aqueles que virão para aprender Vipāssana.” Ele concordou e começou a manter cursos regulares em sua sãla em Pyawbwegyi.

Conforme havia previsto sua cunhada, começaram a vir muitas pessoas e a reputação de Saya Thetgyi como professor de meditação se espalhou. Ele ensinou desde simples agricultores e trabalhadores até aqueles que eram bem versados em textos de páli. A aldeia não era longe de Rangún, a capital da Birmânia sob os britânicos, de forma que funcionários de governo e moradores da cidade como U Ba Khin também vieram.

À medida que mais e mais pessoas vinham para aprender meditação, Saya Thetgyi designou como professores assistentes alguns dos meditadores mais experientes como U Nyo, U Ba Soe e U Aung Nyunt.

O centro progrediu ano após ano até chegar a ter 200 alunos, inclusive monges e monjas, nos cursos. Já não havia espaço na sala de meditação de modo que os alunos mais experientes praticavam meditação em seus lares e vinham à sãla apenas para as palestras.

A partir da época em que voltara do centro de Ledi Sayadaw, Saya Thetgyi passou a viver por conta própria e fazia apenas uma refeição por dia, a sós e em silêncio. Como os bikkhus ele jamais discutia suas conquistas na meditação. Se lhe perguntavam, ele nunca dizia qual estágio de meditação ele ou qualquer de seus alunos atingira, embora fosse crença geral na Birmânia que ele era um ānagāmī (pessoa que teria atingido o último estágio antes da libertação final) e era conhecido como Ānagām Saya Thetgyi.

Uma vez que professores leigos de Vipāssana eram raros à época, Saya Thetgyi se defrontou com certas dificuldades que monges professores não enfrentavam. Ele sofreu oposição de alguns, por exemplo, devido ao fato de não ser tão versado nas escrituras. Saya Thetgyi simplesmente ignorou essas críticas e deixou que os resultados da prática falassem por si mesmos.

Por trinta anos ele ensinou meditação para todos aqueles que vinham a ele, guiado por sua própria experiência e utilizando os manuais de Ledi Sayadaw como referência. Em 1945, quando tinha 72 anos, ele havia cumprido sua missão de ensinar a milhares. Sua mulher falecera, sua cunhada ficara parálitica e a sua própria saúde estava debilitada. Assim sendo, distribuiu sua propriedade para sobrinhas e sobrinhos, separando cerca de 20 hectares de campos de arroz para manutenção de sua sala de meditação.

Possuía 20 búfalos d'água que lavraram seus campos por anos a fio. Distribuiu-os entre as pessoas que ele sabia que iriam tratá-los com bondade e os despachou com a invocação “Vocês foram meus benfeitores. Graças a vocês o arroz foi cultivado. Agora vocês estão livres de seu trabalho. Que vocês sejam libertados deste tipo de vida para uma existência melhor.”

Saya Thetgyi mudou-se para Rangún, tanto para tratamento médico como para ver seus alunos. Disse a alguns deles que iria morrer em Rangún e que seu corpo seria cremado em um lugar onde não houvera cremação antes. Disse também que suas cinzas não deveriam ser guardadas em lugares sagrados porque ele não estava completamente livre de suas impurezas, ou seja, ele não era um ārahant (um ser completamente iluminado).

Um de seus alunos instalara um centro de meditação em Arzanigone, na encosta norte do pagode Shwedagon. Ali perto havia um abrigo anti-bombas que fora construído durante a Segunda Guerra Mundial. Saya Thetgyi costumava usar este abrigo como a sua caverna de meditação. À noite ele ali ficava com um de seus professores assistentes. Seus alunos de Rangún, inclusive o Contador-Geral, U Ba Khin, e o Comissário de Imposto de Renda, U San Thein, o visitavam por tanto tempo quanto lhes era possível.

Ele instruiu todos que o visitavam a serem diligentes na sua prática, a tratarem com respeito os monges e monjas que viessem para praticar meditação, a serem disciplinados com seus corpos, sua linguagem e suas mentes, e a respeitar o Buda em tudo que fizessem.

Saya Thetgyi costumava ir ao pagode Shwedagon toda noite mas, após cerca de uma semana, pegou um resfriado e febre por se sentar na trincheira. Não obstante ter sido tratado por médicos sua condição se deteriorou. À medida que seu estado de saúde piorava, suas sobrinhas e seus sobrinhos vieram de Pyawbwegyi para Rangún. Toda noite seus alunos, por volta de 50 deles, sentavam para meditar juntos. Durante essas meditações em grupo Saya Thetgyi nada dizia, mas meditava em silêncio.

Uma noite por volta das 10:00 horas Saya Thetgyi estava com um certo número de alunos (U Ba Khin não pode estar presente). Estava deitado de costas e sua respiração se tornou forte e prolongada. Dois dos alunos estavam atentamente observando enquanto os demais meditavam em silêncio. Exatamente às 11:00 horas da noite sua respiração se tornou mais profunda. Parecia que cada inalação e expiração tomava cerca de cinco minutos. Após três respirações desse tipo a respiração parou por completo e Saya Thetgyi faleceu.

Seu corpo foi cremado na encosta norte do pagode Shwedagon e Sayagyi U Ba Khin e seus discípulos mais tarde construíram um pequeno pagode no lugar. Mas talvez o memorial mais adequado e mais duradouro deste professor singular seja o fato de que a tarefa que lhe fora confiada por Ledi Sayadaw para difundir o Dhamma em todas as camadas da sociedade ainda persiste.

© *Vipassana Research Institute*

Informações sobre Vipassana
www.dhamma.org/pt/

Informações para Alunos Antigos
www.santi.dhamma.org/os/